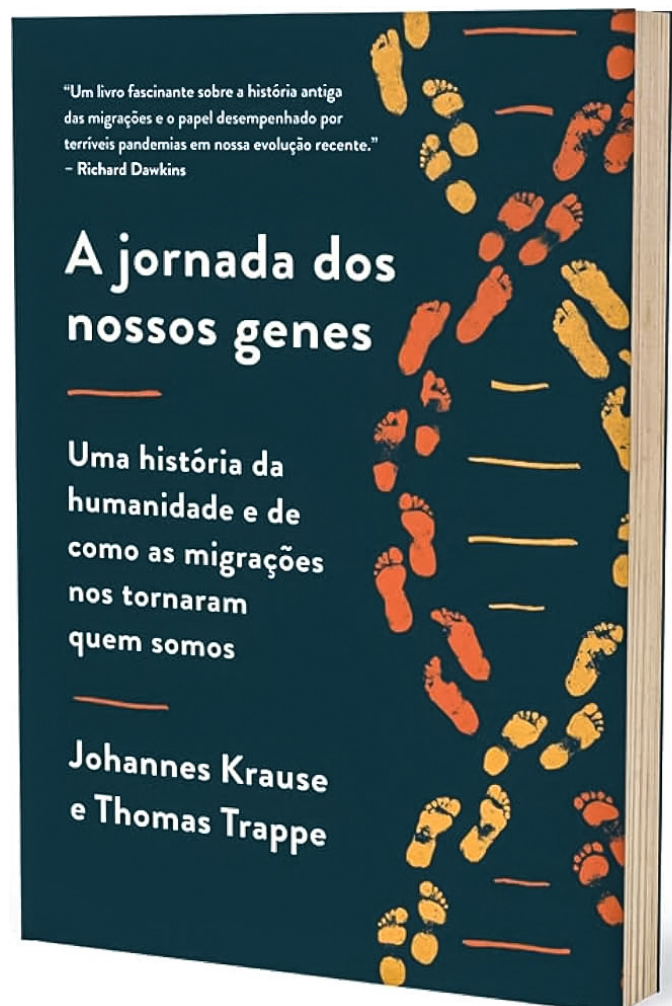


Migrações, casamentos e pandemias: histórias contadas pela arqueogenética

A Arqueogenética é um dos mais jovens ramos dentro da área das Ciências Naturais. A obra “A jornada dos nossos genes: Uma história da humanidade e de como as migrações nos tornaram quem somos” (Editora Sextante, 2022, 288 páginas), escrita pelo bioquímico alemão Johannes Krause e por Thomas Trappe, jornalista especializado em temas da saúde, baseia-se nas últimas descobertas dessa área de investigação para contar uma história humana que remonta há milhares de anos.



Fabrizio Luís Lovato

Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas, Doutor em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), campus Visconde da Graça (Pelotas, RS)
Autor para correspondência – fabriciolovato@ifsul.edu.br

Palavras-chave: DNA antigo, pré-história, paleogenômica, ancestralidade genética, interdisciplinaridade

Os arqueogeneticistas empregam métodos da biologia molecular para analisar DNA pré-histórico. Isso permite extrair e analisar o material genético de ossos humanos de um passado distante, sendo “possível identificar não só os perfis genéticos dos mortos, mas também o modo como seus genes se espalharam”, podendo-se descobrir “quando os nossos antepassados chegaram e de onde eles vieram” (p. 8).

A recuperação de ossos, dentes e até mesmo de amostras de solo antigas tem permitido novas possibilidades para a Arqueologia, sendo agora possível identificar padrões migratórios, as conexões e miscigenações genéticas entre diferentes tribos humanas, bem como o surgimento e a disseminação de doenças, inclusive na Idade da Pedra. Para os autores, essa potencialidade científica é considerada tão relevante quanto a revolução tecnológica que ocorreu com a possibilidade de datação pela técnica do radiocarbono, na década de 1950.

Os relatos apresentados concentram-se na história primeva da Europa, começando com a Idade do Gelo. O texto está organizado em 10 capítulos, cada um dos quais é precedido por um mapa, indicando rotas de migração e uma linha do tempo com os principais eventos e locais discutidos a seguir. Ao longo do livro, há diversas ilustrações (em preto e branco) e caixas com textos complementares, com explicações de conceitos que podem ser utili-

zados por professores de Biologia para solicitar aos alunos pesquisas mais aprofundadas.

A linguagem da obra é acessível, traduzindo o conhecimento para o público geral (sem necessidade de formação acadêmica) e apresentando temas complexos de uma maneira envolvente. O leitor irá se deparar com diversas informações curiosas como, por exemplo, que os primeiros caçadores-coletores europeus possuíam a pele escura e olhos azuis, dentre muitas outras.

O último capítulo discute brevemente tópicos contemporâneos sobre os quais as pesquisas genéticas podem lançar luz e propõe reflexões sobre o futuro de nossas sociedades. Para citar um caso, ainda que ideologias racistas do século XX procuraram se utilizar de argumentos científicos, “a genética hoje é menos compatível com o pensamento baseado na raça do que nunca” (p. 243).

Em conclusão, o livro possui potencial para uso tanto pelo professor como por alunos do Ensino Médio ou Superior, podendo inspirar propostas de atividades e discussões/debates interdisciplinares. A título de exemplo, ao serem abordadas doenças pretéritas, é importante compreender a disseminação de vírus e bactérias devido ao aumento do contato entre grupos humanos (Biologia), as transformações nas estruturas sociais que provocaram (História) e a influência do ambiente físico na propagação de epidemias (Geografia).